

MAPAS NARRANDO ESTÓRIA: A CARTOGRAFIA PÓS-REPRESENTACIONAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDICs)

Marielle Jacinta Pereira Costa
mariellejpcosta@gmail.com¹

Guilherme Matos de Oliveira
ggui995@gmail.com¹

Tânia Seneme do Canto
taniasc@unicamp.br²

Resumo

Este trabalho desvela, como ponto de partida, que as metodologias e técnicas com bases tradicionais euclidianas – ainda que contribuíram muito para o desenvolvimento da cartografia – estão sendo reconfiguradas e emergem outras formas de mapeamentos. Múltiplas linguagens e metodologias estão sendo aprimoradas e fomentam significativas interpretações dos conteúdos cartográficos que são produzidos, dentre eles os que são tecidos no espaço escolar. Nesse processo, o uso de convenções cartográficas não é central, rígido ou assimétrico, o que pode fomentar potencialidades criativas, exploratórias e carregadas de subjetividades. Diante de um contexto pandêmico, de avanço da contaminação pelo coronavírus e da proliferação da Covid-19 no Brasil, a necessidade de isolamento social impactou diretamente as diversas modalidades de ensino, e na educação básica, o fechamento de escolas trouxe à tona as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) como recurso essencial para a continuidade das aulas. Com isso, diversas iniciativas suscitaram explorar a potencialidade das TDICs tanto para mapeamentos digitais, quando para o ensino da Geografia. Nesse contexto, o presente trabalho tem o objetivo de discutir sobre a cartografia pós-representacional para o ensino de Geografia, apresentar as TDICs como caminhos para esses mapeamentos emergentes, e também demonstrar a concepção e aplicação da cartografia pós-representacional tanto por meio da coleta de imagens e mapas da cidade de Varginha-MG – analisando seus espaços e paisagens, quanto também da questão urbana, que resultou no mapeamento intitulado “A volta do ET: Varginha em Vertigem”, uma produção audiovisual com imagens coletadas por meio de diferentes tecnologias digitais, resultando não só no contato com elas, mas no desenvolvimento nas aulas de Geografia dessas novas propostas de mapeamento pós-representacional.

Palavras-chave: Cartografia Pós-Representacional, TDICS, Mapeamentos.

¹ Doutorandos em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e integrantes do Núcleo de Estudos em Cartografia e Tecnologias no Ensino de Geografia (Cartologias-CNPq/UNICAMP), coordenado pela Profa. Dra. Tânia S. do Canto. O trabalho relaciona-se à pesquisa doutoral e apresenta uma prática pedagógica.

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Professora do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências (IG) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).



Introdução

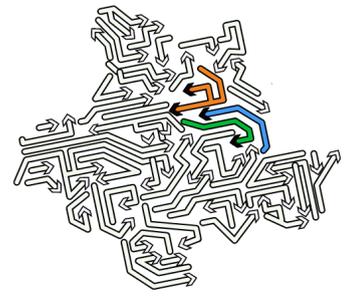
No ensino de Geografia a produção, concepção e análise de mapas é um dos temas que percorrem os objetos de estudo, conceitos e temas que estão muito presentes na educação geográfica. No entanto, é cada vez mais necessário transpor a cartografia puramente tradicional euclidiana e, nesse sentido, diversas técnicas, tecnologias e uso de diferentes materiais e metodologias – na produção e estudos dos produtos cartográficos – são fundamentais quando busca-se aplicar a cartografia enquanto linguagem nos contextos escolares.

Girardi (2014) destaca que, para a Geografia, na virada de foco da cartografia enquanto linguagem de representação para estratégias cartográficas pós-representacionais, abre-se um campo de possibilidades, favorecendo com que sejam mobilizadas linguagens que interpretem o espaço geográfico para além das formas cartesianas das localizações absolutas, haja vista que boa parte da produção científica se assenta nessa perspectiva geométrica dos mapas.

Por meio dessa premissa, este trabalho parte da emergência dessa cartografia pós-representacional e tem como objetivo discutir como ela tem se desenvolvido no espaço escolar a partir do ensino de Geografia, proporcionando a combinação de técnicas e metodologias, criatividade e subjetividades, consideradas principalmente quando estão assentadas em Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs).

Diante do contexto pandêmico e pós pandêmico em curso, houve a concepção e aplicação da cartografia pós-representacional tanto por meio da coleta de imagens da cidade de Varginha-MG – e da análise de seus espaços e paisagens, quanto pelo mapeamento intitulado “A volta do ET: Varginha em Vertigem”, uma produção audiovisual com imagens coletadas por meio de diferentes TDICs: câmera digital, imagens do *google maps*, ferramentas de *street view* e filmagens panorâmicas com uso de drone feita por estudantes do ensino médio em aulas de Geografia.

Da experimentação que os alunos apreenderam ao percorrerem as ruas da cidade, e na manipulação das tecnologias digitais com a finalidade de promover esse mapeamento, foi



possível a construção do ensino e da aprendizagem na perspectiva dialética da mediação que propõe Almeida e Grubisch (2011), fazendo também relações entre os conceitos espaciais.

Referencial teórico

Quando nos propomos a (re)pensar sobre a cartografia para além da sua produção teórico-metodológica e técnica com bases tradicionais euclidianas, precisamos levantar reflexões sobre como vem acontecendo a transição das perspectivas de representação do espaço geográfico e como elas são reconfiguradas e importantes na forma dos atuais mapeamentos, das suas múltiplas linguagens e metodologias que vão sendo utilizadas, que fomentam significativas interpretações dos conteúdos cartográficos que são produzidos, dentre eles os que são tecidos no espaço escolar.

Kitchin, Perkins e Dodge (2009) asseveram que a proposta representacional da cartografia parte de um conjunto de pressupostos: primeiramente, o espaço é apreendido como uma superfície, como um receptáculo explicitado sob uma forma geométrica, cabendo à cartografia a transposição dessa geometria para imagens que são concebidas obedecendo regras próprias; seguindo isso, os cartógrafos pautariam em reduzir os erros da representação no aumento da objetividade do mapa com um bom design; depois disso, quem se utiliza do mapa seria visto como um receptor do conhecimento cartografado e o cartógrafo como um técnico que materializa um mapeamento prático e neutro oriundo de experimentos controlados; e por fim, a representação produzida revelaria sua literalidade através de uma abordagem científica pautada nos ditames tecnológicos ocidentais de se ver o espaço.

Para os autores acima citados, o pensamento representacional vem se estabelecendo de maneira engessada para a/própria cartografia e para sua agenda crítica, que focaliza uma desconstrução do trabalho das representações cartográficas em todo o mundo, bem como os fundamentos científicos que as reproduzem. Nessa perspectiva, não existe um “modo certo” de serem produzidos mapas, mas quem os produzem precisam ser sensíveis aos novos contextos de sua elaboração e utilização; sendo que isso impulsiona o pensamento

representacional dos mapas à concepção de uma cartografia pós-representacional (KITCHIN, PERKINS; DODGE, 2009, p. 10). Em virtude disso:

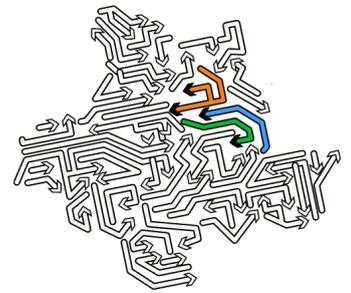
[...] nos últimos anos, o pensamento sobre mapas e educação, no Brasil, vem buscando desconstruir a ideia de que a possibilidade de compreensão do mundo pela cartografia se restringe à aquisição de um conjunto específico de noções, códigos e convenções [...]. Desse modo, discutir a educação cartográfica é também pensar no ensino de geografia que realizamos com os mapas em sala de aula, e, é bom lembrar que, tradicionalmente, este ensino se pauta numa visão bastante normativa (CANTO, 2015, p. 14).

Consonante a isso, Seemann (2014) sinaliza que estes modos de repensar os mapas e seus mapeamentos se centram na problemática de como podem ser apresentadas e visualizadas informações não convencionais, seus limites de incompletude, imprecisões etc. que na história da Cartografia vinham sendo desconsideradas pelos seus estudiosos.

Diante disso, a Cartografia sob uma perspectiva pós-representacional é tecida através da criatividade de quem a compõe, sendo que ela não é restrita às palavras, pois tem de ser inclusiva ao abarcar outras linguagens e expressões – visuais, orais etc.; ao passo que a combinação de “[...] ficções e realidades, fatos e fantasias, espaços e mapas reais e imaginários, junto com modos inovadores de apresentar ideias e informações, pode ser considerada uma iniciativa enriquecedora, tanto para a geografia e a cartografia [...]” (SEEMANN, 2014, p. 102).

Esta proposta recente de cartografia deve considerar também as subjetividades dos sujeitos que se situam no cotidiano dos espaços mapeados. Sobre isso, Alavez (2019) afirma que dados advindos de pesquisas são elementos que favorecem observações acerca das peculiaridades dos espaços, em que por vezes modelam e revelam problemas sociais. Contudo, para o autor supracitado, existem fenômenos que não são quantificáveis, uma vez que eles são inerentes ao universo subjetivo dos sujeitos sociais que se utilizam de linguagens cartográficas, como as narrativas, que descortinam o mundo em que vivem e produzem no tempo e no espaço, este último que vem a ser mapeado com seu histórico narrado. Assim:

[...] the map is as good as the different narratives it is associated with that describes its context of appearance, and its production process, as well as all the discourses associated with the map, and the political and personal agendas it helped to push forward. In post-representational cartography, the narrative is essential to documenting the mapping genealogy and to tell the story of the map’s life (CAQUARD; CARTWRIGHT, 2014, p. 105).



Com isso, é necessário ressaltar que:

[...] el mapa es más que una alternativa para presentar datos espaciales; es también un símbolo y una forma de expresión que conlleva un mensaje. La Cartografía

representa un medio poderoso para contar historias, retratar sus complejidades espaciotemporales, crear metáforas, explorar las vidas y problemas de los informantes y encontrar el sentido de sus palabras (ALAVEZ, 2019, p. 70).

Consonante a essas ponderações, Canto (2015) arremata colocando que por dentro dessa cartografia que está se formando, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) efetuam um papel central, pois ao avançarem nas possibilidades comunicativas e interacionais entre pessoas, seus lugares e suas linguagens, os atos cartográficos tornam-se mais permeáveis e suas trocas mais intensas, situação essa que “[...] resulta no surgimento de práticas baseadas na mistura de diferentes culturas de mapeamento” (CANTO, 2015, p. 22).

Posto isso, temos um panorama de diálogos seminais e relevantes que projetam a efetivação de outras cartografias para a Geografia e seu ensino escolar na contemporaneidade, à medida que os mapeamentos realizados no processo de ensino-aprendizagem devem evitar de serem fechados – com suas produções assentadas exclusivamente em normas cartesianas – ao buscarem agregar e integrar uma plasticidade e multiplicidade de linguagens e tecnologias que garantam a tessitura de representações do vivido espacialmente pelos sujeitos escolares, a exemplo da experiência delineada no tópico a seguir.

Mapeando e construindo narrativas cartográficas da cidade e do “ET” de Varginha-MG

Durante a suspensão de atividades presenciais nas escolas de educação básica do Brasil, no período em que havia ampla disseminação e contaminação pelo vírus Sars-Cov-2 –responsável pela Covid-19, muitas salas de aula foram convertidas para outros lugares, principalmente em salas e grupos nas plataformas digitais, na tentativa de conectar estudantes e profissionais de educação básica e dar continuidade ao ensino, uma tarefa desafiadora diante de tantos contextos socioeducativos e socioeconômicos do país.

Nesse contexto, muitas outras TDICs foram exploradas por professores e estudantes, trazendo outras possibilidades para mapeamentos digitais ao terem sido intercalados encontros presenciais e *online*, visto que houve momentos de revezamento – na construção de um mapeamento – entre grupos de estudantes do 2º ano do ensino médio da cidade de Varginha- MG, situada na mesorregião Sul de Minas Gerais. Tal proposta pedagógica se desenvolveu no contexto dos estudos sobre urbanização e das suas diferentes materializações nos contextos das cidades, tendo como abordagem o estudo de caso de algumas cidades do estado de Minas Gerais e do Brasil.

As aulas partiram da reprodução do mapeamento de alguns bairros de Belo Horizonte-MG no *Google Maps* intitulado “Tetos de Belo Horizonte” (figura 1), que diante da demarcação dos pontos do bairro, partiu para a comparação entre as imagens de satélite dos bairros (figura 2) que resultou no vídeo intitulado “BH vista de cima”, publicado pela revista eletrônica *Transite - movimento em revista*. Tais produções partem de um projeto promovido pelo laboratório e projeto de extensão do curso de Graduação em Comunicação, do Departamento de Comunicação e da Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, evidenciando a transdisciplinaridade da educação geográfica, bem como da cartografia.

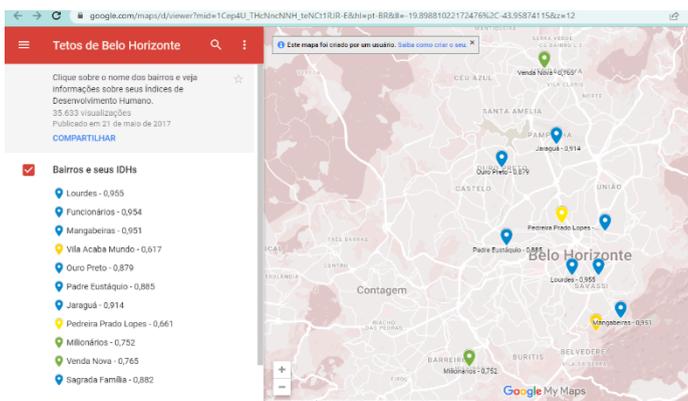
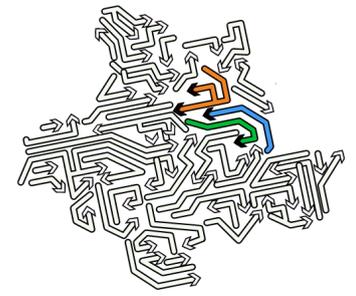


Figura 1: “Tetos de Belo Horizonte” - Revista *Transite*
 Disponível em: <https://l1nk.dev/00Q5g>



Veja como o contraste de IDHM reflete na cidade vista de cima:
 Figura 2: Mapeamento “BH Vista de Cima” - Revista *Transite*
 Disponível em: <https://encr.pw/gmgMM>

Diante das percepções provocadas pelo vídeo, os estudantes relataram que não percebiam essas condições no contexto das suas vivências na cidade de Varginha. Desta forma, foi proposta a busca de imagens entre dois bairros da cidade de Varginha que fossem



vizinhos ou próximos, não tendo o intuito específico de simular a diferença do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baseada em dados externos como o vídeo produzido pela revista *Transite*.

Durante a coleta das imagens, os estudantes mobilizaram os conceitos de paisagem e espaço, considerando a concepção de Santos (2014, p. 79) “A paisagem é diferente do espaço.

A primeira é a materialização de um instante da sociedade. Seria numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parados como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem.” Como o autor discute sobre a dialética que envolve paisagem e espaço, bem como o movimento que o espaço adquire em seu caráter material, os estudantes foram convidados a coletar essas imagens não como mero retrato momentâneo da sociedade, mas também analisar como elas materializam as estruturas socioespaciais da sociedade e da cidade.

Vale ressaltar que, nessa proposta, os estudantes coletaram as imagens por meio das diferentes TDICs e as trouxeram para as aulas, conforme exposto na figura 3, apresentando aos colegas os resultados da observação e análise de como os serviços públicos estão dispostos, as diferenças entre os traçados das ruas e avenidas, a especialização dos bairros, a infraestrutura de cada bairro, ausência e presença de serviços públicos e áreas de lazer, as moradias precárias, a presença de resíduos sólidos, os sistemas de vigilância e a presença dos moradores ou mesmo o preço do solo e diferenças entre as residências nos bairros escolhidos.



Bairros



Figura 3: Fotografias comparando bairros da cidade de Varginha-MG
 Fonte: Pesquisa empírica, dezembro de 2021.

Os estudantes que decidiram realizar trabalho de campo, fotografando os bairros e associando com as imagens de pesquisas em sites de notícias, imagens do *Google Street View*, *Google Maps* e demais fotografias coletadas e escolhidas, revelaram também suas percepções sobre os sons, cheiros, sensações de medo, insegurança, acolhimento ou afetividades; algo que não era o objetivo inicial da atividade, mas que faz parte do exercício da cartografia pós-representacional, à medida que os estudantes citados trouxeram elementos não quantificáveis, que por si só construía uma narrativa sobre os processos que vivenciam na cidade.

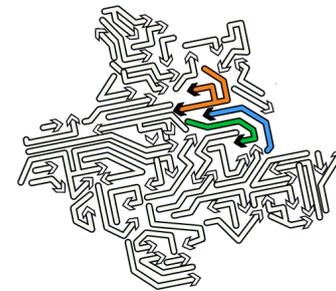
Um debate sobre as diferenças dos serviços públicos, do comércio, da infraestrutura e da renda dos bairros veio à tona na apresentação das imagens, que ocorreu na forma de seminário em aulas de Geografia, o que levou os alunos a perceberem a segregação socioespacial que está em curso na cidade (figura 4), identificando muitas vezes a ausência/presença do Estado e das forças de mercado, bem como as desigualdades de renda.

4:



Figura
 Análise

O que divide os dois bairros é a Rua Venezuela



de imagens do *Google Maps* comparando bairros da cidade de Varginha-MG
Fonte: Pesquisa empírica, dezembro de 2021.

O mapeamento foi um instrumento para contar como ocorreu a formação socioespacial da cidade pelas memórias e afetividades construídas pelos seus habitantes, dentre eles os

estudantes em tela; ao passo que, após os seminários, pôde-se reunir essas imagens e organizá-las na forma de um vídeo que fosse capaz de trazer também características humanas do mapa, dos modos de vida das pessoas da cidade de Varginha, das memórias e aspectos simbólicos presentes no espaço e na sua produção espacial pela população desses bairros, sendo esta atividade mediada e executada pela docente da turma.

Na construção do vídeo buscou-se conceber também essa proposta pós-representacional da cartografia, utilizando das tecnologias supracitadas para promover um mapeamento profundo segundo Ribeiro (2019). Desta forma, o mapa foi feito em camadas sobrepostas e intercaladas entre si: as imagens capturadas pelas tecnologias digitais, a análise das imagens e palavras que representassem a análise feita pelos estudantes que as escolheram e, por fim, a história de um personagem que representasse esse lugar, como visto nas figuras 5 e 6:

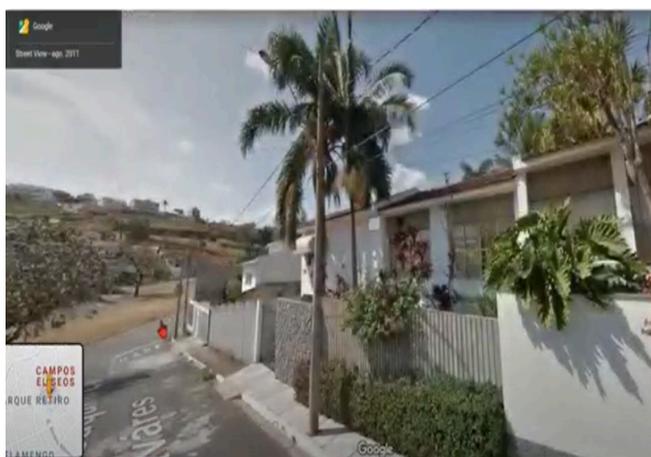


Figura 5: *Street view* de bairro da cidade de Varginha.
Fonte: *Google maps*.



Figura 6: Imagens de bairro da cidade de Varginha
Fonte: Pesquisa empírica, dezembro de 2021.

Na produção do vídeo-mapeamento, foram mobilizados outros recursos audiovisuais das TDICs, visto que também foram utilizadas ferramentas de edição e manipulação de

imagens, tais como: aplicativo de edição de vídeo no celular, programas de computador para conversão das imagens em vídeo e microfone de lapela para gravação da narração da estória.

Não se tratava somente de sobrepôr as imagens em movimento, mas também de construir uma narrativa a partir do ponto de vista do “ET de Varginha”, um personagem muito presente espacialmente e simbolicamente na cidade e que marcou sua história no contexto nacional a partir dos anos 1990. Tal história ainda é envolta por inconclusões e mistérios, e ainda assim é amplamente contada por meio da oralidade dos moradores e também materializada em construções e pontos turísticos da cidade.

Escolhido o personagem, houve a construção da narrativa a partir de uma visita que o “ET” faz novamente à cidade para perceber as transformações ocorridas desde sua última visita em 1996, mas também associando nela expressões e conceitos utilizados pelos estudantes, bem como o espanto do personagem com as diferenças que percebeu nos contextos socioespaciais da cidade. Uma inspiração para a criação do personagem foi o texto “O jornalista marciano” em Chomsky (2019).

O resultado desta atividade foi sistematizado através do vídeo-mapeamento, intitulado pelos próprios estudantes de “A volta do ET: Varginha em Vertigem”, vislumbrado nas figuras 7 e 8:

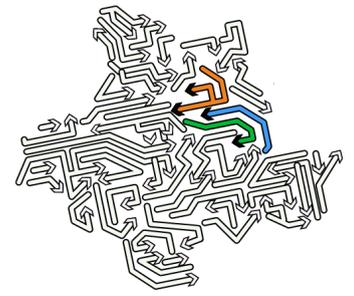


Figura 7: Street view da cidade de Varginha.
Fonte: *Google maps*.



Figura 8: Imagem obtida por drone da “Nave do ET”
Fonte: *Ld Drone Imagens Aéreas*.

No vídeo, o “ET de Varginha” se aproxima do planeta Terra, da América do Sul, do Brasil, de Minas Gerais e decide retornar a Varginha. Ao chegar, ele se depara no centro da



cidade com a “Nave do ET”: uma caixa d’água que é um dos principais locais que simbolizam essa primeira visita. Nesse local ele percebe que a cidade passou por mudanças, e que ele vai precisar de algum dispositivo para entender o que estava ocorrendo. É neste momento que ele usa o celular e mecanismos de busca *online* para percorrer a cidade, seus bairros e entender o que mudou desde sua visita.

Como as imagens são estáticas, exceto as capturas do *Google Street View*, as filmagens de drone ajudam a fazer a transição entre os bairros, contribuindo para a narração da estória criada e empregando um movimento no vídeo que gerou a experiência de um percurso pela cidade.

A partir de então, o ET vai percorrendo os bairros e narrando aspectos que percebeu nesses locais pela sua experiência, apoiando-se em tecnologias digitais como fazem os humanos desse planeta. Com essa experiência no percurso da cidade, surge uma série de conflitos sobre como as pessoas e as instituições foram construindo o espaço urbano da cidade e suas diferentes paisagens, produzindo diferenças e/ou desigualdades entre bairros tão próximos.

No vídeo-mapeamento o ET vai contando sobre o que viu na cidade, citando termos e conceitos ao observar os bairros, e o que aprendeu pesquisando em seu dispositivo que cabe na palma da mão. No entanto, ainda se sente confuso com tantas mudanças que percebeu nas presenças e ausências desses bairros, citando inclusive o memorial que foi construído em sua homenagem, mas que não foi aberto para visitação dado um impasse do poder público municipal e do patrimonialismo que afasta os moradores do memorial, encerrando-se o vídeo com o personagem retornando ao local de chegada, com uma bagagem da sua experiência diante das novas realidades da cidade e dos elementos virtuais apreendidos.

Considerações finais

Na cartografia pós-representacional, as TDICs possibilitam diversas relações comunicativas e interacionais entre pessoas, seus lugares e suas linguagens. Desta forma, os atos cartográficos tornam-se mais permeáveis e suas trocas mais intensas, sobretudo no contexto pandêmico em evidência no presente trabalho, à medida que os processos de



ensino-aprendizagem em Geografia foram diretamente afetados e dependentes dessas tecnologias.

Durante a prática pedagógica de coleta das imagens, e da construção do vídeo-mapeamento, percebeu-se a conexão não só entre os sujeitos escolares, mas a sobreposição entre dados, imagens, mapas, percursos e narrativas, implicando em um mapeamento profundo que revela o potencial dessa abordagem para a Cartografia na/da Geografia Escolar.

Na concepção da história ou estória, a recriação do personagem local “ET de Varginha” fez com que o mapa pudesse narrar uma estória. Mostrou-se necessário, nesse ínterim, explorar a escrita de uma estória, no percorrer das suas etapas, por meio da técnica de *storytelling*; destacando assim que as diferentes TDICs podem aperfeiçoar a construção de um mapa narrado.

Referências

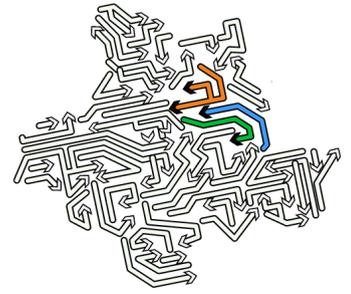
ALMEIDA, José Luís Vieira de; GRUBISICH, Teresa Maria. O ensino e a aprendizagem na sala de aula numa perspectiva dialética. **Revista Lusófona de Educação**, núm. 17, 2011, pp. 65-74 Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/349/34920906006.pdf> . Acesso em: 12 de jun. 2023.

ALAVEZ, José. La élite del camino: una aproximación cartográfica para analizar las historias de vida de estudiantes mexicanos de posgrado. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 19, jan./jun. 2019, p. 53-73. Disponível em: http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/edicao_completa/teccogs_cognicao_informacao-edicao_19-2019-completa.pdf. Acesso em: 14 set. 2022.

CANTO, Tânia Seneme do. Sobre como mapas se tornam mapas e a educação cartográfica na contemporaneidade. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 45, p. 13-30, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/595>. Acesso em: 14 set. 2022.

CAQUARD, Sébastien. Atlas online. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 19, jan./jun. 2019, p. 125-140. Tradução de Marcelo de Mattos Salgado. Disponível em: http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/edicao_completa/teccogs_cognicao_informacao-edicao_19-2019-completa.pdf

CAQUARD, Sébastien; CARTWRIGHT, William. Narrative cartography: from mapping stories to the narrative of maps and mapping. **The Cartographic Journal**, v. 51, n. 2, p. 101-106, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1179/0008704114Z.000000000130?needAccess=true>. Acesso em: 14 set. 2022.



CHOMSKY, Noam. Mídia, propaganda política e manipulação. Trad. de Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

GIRARDI, Gisele. Cartografia geográfica: entre o “já-estabelecido” e o “não-mais-suficiente”. **Revista Ra’e Ga - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 30, p. 65-84, abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36083/22263>. Acesso em: 14 set. 2022.

JUNHK, Isabel. Representações cartográficas e suas implicações cognitivas. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 19, jan./jun. 2019, p. 105-124

Disponível em:
http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/edicao_completa/teccogs_cognicao_informacao-edicao_19-20_19-completa.pdf

KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris; DODGE, Martin. Thinking about maps. In: KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris; DODGE, Martin (Orgs.). **Rethinking maps**. New York: Routledge, 2009, p. 1-25.

RIBEIRO, Daniel Melo. Deep mapping: uma introdução ao mapeamento profundo. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 19, jan./jun. 2019, p. 30-51.

Disponível em:
http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/edicao_completa/teccogs_cognicao_informacao-edicao_19-20_19-completa.pdf

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 2014.

SEEMANN, Jörn. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. **Revista Ra’e Ga - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 30, p. 85-105, abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36084>. Acesso em: 14 set. 2022.